



## **AS RELAÇÕES DE PODER SEGUNDO MICHEL FOUCAULT**

RELATIONS OF POWER BY MICHEL FOUCAULT

Por:

**Ernandes Reis Marinho**

*E-Revista Facitec, v.2 n.2, Art.2, dezembro 2008.*

[http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com\\_content&task=view&id=9&Itemid=2](http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2)

---

Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial.

Em caso de dúvidas, consulte a redação: [revistafacitec@facitec.br](mailto:revistafacitec@facitec.br).

A e-Revista Facitec é a revista eletrônica da FACITEC, totalmente aberta, inaugurada em janeiro de 2007, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site

[www.facitec.br/erevista](http://www.facitec.br/erevista).



## AS RELAÇÕES DE PODER SEGUNDO MICHEL FOUCAULT

POWER RELATIONSHIP ACCORDING MICHEL FOUCAULT

### Resumo

Para Foucault, o *poder* não existe, o que existe são *as relações de poder*. No entender de Foucault, o *poder* é uma realidade dinâmica que ajuda o ser humano a manifestar sua liberdade com responsabilidade. A ideia tradicional de um poder estático, que habita em um lugar determinado, de um poder piramidal, exercido de cima para baixo, em Foucault é transformada. Ele acredita no poder como um instrumento de diálogo entre os indivíduos de uma sociedade. A noção de poder onisciente, onipotente e onipresente não tem sentido na nova versão, pois tal visão somente servia para alimentar uma concepção negativa do poder.

Palavras-chave: Poder, relações de poder, liberdade, sociedade.

### Abstract

For Foucault there is no power, there are relations of power. According to Foucault, power is a dynamic reality that helps human beings express their freedom with responsibility. The traditional idea of a static power which is in a certain place, a pyramidal power exercised from top to bottom, in Foucault is transformed. He believes in the power as an instrument of dialogue between individuals of a society. The idea of power as omniscient, omnipotent and omnipresent has no meaning in this new version, because that idea only served to feed a negative idea of power.

Keywords: Power, power relations, freedom, society.



## INTRODUÇÃO

A temática do poder se encontra por toda parte da obra de Foucault, mesmo assim ele declarou que o tema não era seu sujeito fundamental. Ao ser considerado um teórico do poder, recusou dizendo que somente fez *“uma análise diferencial dos diferentes níveis de poder dentro da sociedade”* (FOUCAULT, 2001, p. 1680).

Por esta afirmação já podemos notar que a ideia de poder em Foucault é bem diferente da tradicional, segundo a qual o poder se apresentava como uma realidade única, estática e soberana.

Não é de fácil abordagem este tema. Desde 1970-1971, quando começa a desenvolver a suposta origem de alguns problemas sociais, que Foucault se envolve com o assunto. Ele admitiu, em seu curso de 14 de janeiro de 1976, que fez muitos “zigue-zagues” para desenvolver o tema, pois o objetivo não era fomentar a relação negativa que gira em torno do poder, mas construir uma nova versão. Ora, considerando a longa história que tem o tema, imaginamos que não foi fácil negar seus fundamentos e propor outra reflexão. Logo podemos imaginar não só a dificuldade de Foucault, mas também as duras críticas que sofreu em função de sua reflexão.

Em 1974, Foucault reconheceu as vivas críticas que lhe fizeram em relação a sua convicção sobre este tema. Expondo numa conferência sobre a teoria do conhecimento de Nietzsche, Foucault falou da dimensão do poder. Nesse momento, disse que as pessoas poderiam objetar, dizendo que tais ideias não se encontravam em Nietzsche: *“isto é vosso delírio, vossa obsessão de achar por todos os lados relações de poder”* (FOUCAULT, 2001, p. 1418), que te fez ver esta ideia em Nietzsche. Sem dúvida, a frase é uma maneira brutal de responder diretamente a seus analisadores, além de reafirmar a convicção que tem das suas teses sobre o assunto.



De uma maneira geral, pode-se dizer que, até Foucault, a ideia de poder teve um papel mais negativo que positivo. A imagem que o poder oprime as pessoas, que os indivíduos o temem, que têm medo de tê-lo, que ele suprime a liberdade, manipula a vida, etc. era presente nas mentalidades. Ora, segundo Foucault, tudo não passava de uma estratégia com o objetivo de esconder a verdadeira realidade do poder. Assim, à maioria da população não teria consciência do que é o poder e uma certa classe poderia, tranquilamente, passar a impressão de estar manipulando-o ou de ser a sua detentora. Para analisar esta posição de Foucault, vamos desenvolver duas ideias: na primeira refletiremos sobre a falsa noção de poder; na segunda, sobre a concepção de relações de poder no pensamento de Foucault.

#### O PODER NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

##### *a. A falsa noção de poder*

Para refletir sobre a falsa ideia de poder, apresentaremos três formas como, segundo Foucault, tradicionalmente, o poder era apresentado. Para ele, elas não retratam a verdade sobre o poder. A primeira ideia refere-se ao poder como algo localizado:

O poder, isto não existe. Eu quero dizer isto: a ideia que há, um lugar qualquer, ou emanando de um ponto qualquer, algo que é um poder, (Tal ideia) parece-me descansar sobre uma análise falsificada, e que, em todo caso, não se dar conta de um número considerável de fenômenos (FOUCAULT, 2001, p. 302).

A primeira frase do texto é surpreendente, ela mostra que, para Foucault, o conceito de poder hoje repousa sobre uma falsa ideia. O discurso sobre o poder como uma coisa única, alojado em um núcleo central de onde ele tudo controla, não conduz as pessoas a um verdadeiro conhecimento sobre este instrumento de nossas relações. Acreditar em um ponto central de onde o poder controlaria tudo é transformar uma



característica interna dos indivíduos em um ser com existência própria. Acreditar em uma morada do poder é acreditar que ele é algo que se adquire por meio de investidura, isto é, o poder não seria uma capacidade natural dos indivíduos, mas é algo que recebemos em um determinado momento. Tal reflexão conduz à ideia de que certos indivíduos são guardiões do poder. Veremos a crítica de Foucault a tal conceito mais adiante.

Foucault justificou sua recusa dizendo que aquela concepção de poder não levava em conta *"um número considerável de fenômenos"*, isto significa que a imagem que nos passavam do poder era deslocada de sua realidade originária. Para entender a referência que ele faz à palavra *"fenômeno"*, basta, por enquanto, dizer que, para ele, o poder é dinâmico. A partir disso, ele não via como explicar o fato de um poder estático, mas que se apresenta como algo *"enigmático, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e escondido, investido por toda a parte"* (FOUCAULT, 2001, p. 1180).

Segundo Foucault, a ideia de um poder estático contradiz a própria expressão ou experiência do poder. Creio que posso afirmar que quando Foucault diz não acreditar nesse tipo de proposição é porque pretende tocar no seu ponto mais sensível, isto é, na sua potência, ou se desejarem, na força que se acredita ter o poder. Segundo ele, a história conservou o poder dentro de uma redoma de vidro, assim foi possível esconder a verdade sobre ele e, ao mesmo tempo, sustentar e criar certo número de fantasias em torno dele, levando-nos a um desconhecimento da verdade sobre o tema. Para compreender a objetividade da afirmação de Foucault, *"o poder não existe"*, é necessário considerar a inversão de valor que, segundo ele, temos dentro dessa noção, ou seja, o real poder não deve ser visto como algo negativo, como fonte de dominação, opressão e destruição, e, sim, como algo positivo capaz de construir e educar.



A segunda forma que Foucault rejeita é da dimensão potencial do poder. Assim diz:

O poder não é onipotente, onisciente, pelo contrário! Se as relações de poder produziram formas de inquérito, análises dos modelos de saber, é precisamente porque o poder não era onisciente, mas que ele era cego, porque ele se encontrava dentro de um impasse. Se a gente assistiu ao desenvolvimento de tantas formas de vigilância, é precisamente porque o poder continuava impotente (FOUCAULT, 2001, p. 629).

A afirmação de que o poder não é «*onisciente*» nem «*onipotente*» é seguida de exemplos bem medidos, para justificar que a história do poder mostrou que toda a glória atribuída a ele não é mais que quimeras, que escondem a verdade sobre ele. Felizmente, elas não conseguem evitar o desenvolvimento das ações concretas que revelam a contradição dentro do poder e, em conseqüência, sua verdadeira essência. Por exemplo, a ação de «*vigiar*», para Foucault, é uma clara demonstração da impotência do poder, pois, se ele tivesse a força que imagina ter, não seria preciso uma vigilância constante para manter assegurada sua hegemonia.

De fato, o texto é uma negação de várias características do poder, que foram associadas às ideias de «*onisciência*» e «*onipotência*». Tais características, segundo Foucault, servem como imagem da grande pirâmide que representa o poder, pois a ideia tradicional é que o poder sempre é exercido de cima para baixo. Classificando-o como «*cego*» e numa situação de «*impasse*», Foucault nos leva a ver o poder numa realidade instável e não na estabilidade que a história tentou atribuir-lhe.

Este texto tem uma importância capital no bojo da nossa reflexão. cremos que estas duas características do poder que Foucault criticou, associando à ideia de *onipresença*, são as mais representativas do ideário tradicional do poder. Dizemos mesmo que a ideia do poder sempre se apoiou sobre um tri-pé: *onipresente*, *onipotente* e *onisciente*. Ora, vemos que, segundo Foucault, este tri-pé não existe, a bem da verdade nunca



existiu, de fato os defensores desta ideia não conseguiram justificar nem mesmo demonstrar, concretamente, esta realidade do poder, isto significa que o poder sempre foi tratado pela sua aparente objetividade, mas não por aquilo que é de fato. Mas a história não conseguiu evitar que os ventos da investigação crítica derrubassem o castelo de areia erguido como falsa expressão do poder e em seu lugar não ficou senão grãos de areia, isto é, aquilo que Foucault denominou «*relações de poder*».

A última crítica refere-se à ideia de um titular do poder. Esta formulação esteve sempre associada ao conceito do poder como uma realidade única, mas, como visto anteriormente, para Foucault, esse poder único não existe, assim falaremos aqui somente da ideia de um titular do poder. Trataremos o texto em duas partes. Na primeira, Foucault indaga:

será que o nosso embaraço de encontrar as formas de lutas adequadas, elas não vêm do fato que nós ignoramos, ainda, isto que é o poder? Depois de tudo, foi necessário esperar o século XIX<sup>e</sup> para saber que é a exploração, mas não se sabe talvez até agora o que é o poder.[...] A teoria do Estado, a análise tradicional dos aparelhos de Estado, não esgotam sem dúvida o campo de exercício e funcionamento do poder. É o grande atualmente desconhecido: quem exerce o poder? e onde exerce-o? atualmente, mais ou menos sabe-se quem explora, onde vai o lucro, entre as mãos de quem passa e onde reinveste-se, enquanto que o poder... Sabe-se efetivamente que não são os governantes que o detêm (FOUCAULT, 2001, p. 1180).

A primeira interrogação deste texto nós trataremos como uma afirmação, isto em função do contexto geral do pensamento de Foucault. Ela comporta uma posição bem séria. Foucault defendeu a ideia de que a história do pensamento nunca definiu corretamente o poder nem forneceu os elementos necessários para colocá-lo em seu verdadeiro lugar. Essa constatação histórica explica, segundo ele, porque a luta contra o poder é sempre difícil, porque temos sempre a sensação de que saímos vencidos desta luta e, mais, porque temos presente a ideia que nunca conseguimos atingir o poder. Essa situação dá a impressão que é a força do poder que nos torna a luta difícil, mas, na realidade, nosso problema é que o



combateamos com as armas que a falsa ideia de poder nos fornece, ou seja, armas que consideram o poder onipotente, onisciente, único, possuidor de um titular, etc. A conclusão que se tira disto é que nossas armas não são adequadas, pois elas somente servem para fortalecer a falsa ideia do poder.

A segunda remarca confirma nossa posição. Foucault disse claramente que as análises sobre o aparelho de Estado – as quais podemos entender melhor citando Hobbes, com o *“Leviatan”*, Rousseau, com o *“Contrato Social”*, Kant, com o *“Opúsculo sobre a história”*, Hegel, com *“Razão dentro da História”*, etc. – não foram capazes de « esgotar » o exercício do poder. Mesmo não entrando na polêmica do valor ou da importância destas análises, concordamos que, segundo Foucault, elas talvez, tocaram um só lado do grande aicebergue. De fato, arriscamos dizer que, conforme Foucault, a real essência do poder nunca foi analisada, pois os indivíduos trabalharam mais a aparência do poder que a sua profunda realidade.

Nossa última reflexão em relação a esta parte do texto reporta «a exploração». Segundo Foucault, nesta época tudo que se sabe sobre a ação do poder é quem o explora, manipula, oprime, etc. Aqui Foucault não falou claramente dos indivíduos implicados nas relações de poder, mas das relações entre os indivíduos e as instituições. Compreendemos melhor a posição de Foucault a partir das reflexões que ele fez das instituições em *“doença mental e psicologia”*, *“História da loucura na idade clássica”*, *“vigiar e punir”* e os outros comentários sobre os temas abordados nesses livros. Ora, Foucault acreditava que as instituições eram as grandes responsáveis pela manutenção da falsa ideia de poder, pois poderiam, valendo-se do seu campo de influência, manter o *status quo*, sobrevivendo como um monstro invencível, representantes do sujeito absoluto, que é a falsa ideia de poder. A última frase do texto mostra muito bem que nossa interpretação tem sentido.





É o grande atualmente desconhecido: quem exerce o poder? e onde o exerce? atualmente, mais ou menos se sabe quem explora, aonde vai o lucro, entre as mãos de quem passa e onde se reinveste, enquanto que o poder... Sabe-se efetivamente que não são os governantes que o detêm (FOUCAULT, 2001, p. 1180).

Na segunda parte do texto, Foucault enumera certas teses tidas como esclarecidas, mas que, segundo ele, suas formulações não são ainda suficientes ou convincentes:

Mas a noção de "classe dirigente" não é nem muito clara nem muito elaborada. "dominar", "dirigir", "governar", "grupo no poder", "aparelho de Estado", etc., há aí todo um jogo de noções que pedem de ser analisadas. Do mesmo modo, seria necessário bem saber até onde se exerce o poder, quais etapas e até quais instâncias frequentemente ínfimas, de hierarquia, de controle, de vigilância, de proibições, de constrangimentos. Por toda a parte onde existe o poder, o poder exerce-se. Ninguém propriamente dito é o titular do poder; e, no entanto, ele sempre se exerce em certa direção, com uns de um lado e os outros do outro; não se sabe quem o tem exatamente; mas sabe-se quem não o tem (FOUCAULT, 2001, p. 1181).

Foucault mostrou que nosso conhecimento sobre o poder apresenta algumas lacunas. Toda a primeira parte do texto – mais exatamente até a expressão "*o poder se exerce*" – constitui uma pirâmide de temas que, segundo ele, não são ainda bem claros e, em consequência, não nos dão uma verdadeira noção do poder. Ora, olhando bem o texto, notamos que os temas apresentados eram considerados as bases da noção tradicional de poder, isto significa que, para Foucault, é necessário esclarecer a noção de poder desde seus fundamentos.

Na segunda parte, Foucault retoma a reflexão iniciada na primeira: o exercício do poder considerando a existência de dois indivíduos. Ora, o bom exercício do poder somente é possível quando são considerados os fundamentos da condição existencial das partes. Pensar o poder desta maneira é colocá-lo noutra dimensão. O poder aqui não é somente instrumento das relações humanas, mas também uma ação pedagógica, pois, como ninguém nasce com plena consciência do poder que tem, nas relações humanas os que têm maior consciência da verdadeira realidade do poder devem ajudar os outros a adquiri-la. Assim, as relações



humanas não se desenvolvem no âmbito da irracionalidade, mas dentro de um processo constante de formação.

Destacamos ainda que Foucault nos mostra no texto a generalidade deste tema. Ele se vale disso para desenvolver toda a sua crítica e, ao mesmo tempo, apresentar sua nova visão sobre o assunto. Foucault acreditava existir um novo caminho mais eficaz para se entender e exercer o poder. Refletiremos a seguir sobre este caminho.

### *b. Relações de poder*

Para entender as relações de poder em Foucault, é preciso partir do conceito que ele tem de liberdade. A liberdade para ele é como uma arma de proteção. Arma porque constitui um instrumento natural de luta do ser humano e proteção porque, segundo ele, ninguém consegue manipular a liberdade de ninguém. Quando algo ou alguém atinge nossa liberdade é porque damos o pleno consentimento. Para sustentar sua noção de liberdade, Foucault deveria, obrigatoriamente, ter proposto outra noção de poder, pois a mentalidade da época era que o poder eliminava a prática da liberdade, mas ele estava convencido do contrário, ou seja, nenhum discurso é capaz de atingir sua liberdade, pois cada indivíduo é senhor da liberdade e, conseqüentemente, pode administrá-la como desejar.

A primeira observação que faço é sobre a convicção de Foucault sobre a historicidade das relações de poder. Alguém lhe perguntou: "*mas terá um dia um mundo onde cada um, cada cidadão, será livre para fazer o que ele quiser?*" Tratarei a resposta dada pelo pensador Foucault em dois tempos. Primeiro Foucault explicou por que nós chegamos a essa situação:

Não, as relações entre indivíduos são, eu não diria antes de tudo, mas são em todo caso, também relações de poder. E eu creio que, se há algo de polemico dentro disso que pude dizer ou escrever, é simplesmente isto. É que, tanto de um lado como do outro, eu creio, foi demasiadamente conduzido a não se ter em conta a existência destas relações de poder. Quando eu digo de um lado e



do outro, eis a qual precisamente eu penso: houve a filosofia tradicional, universitária, espiritualista, como queira, na qual as relações entre indivíduos eram consideradas essencialmente como relações de compreensão, relações de tipo dialogal, de tipo verbal, de tipo discursivo: compreende-se ou não se compreende. E seguidamente tem a análise de tipo marxista, que tenta definir as relações entre as pessoas essencialmente a partir das relações de produção (FOUCAULT, 2001, p. 1666).

Foucault deixa claro que o desenvolvimento da falsa ideia de poder só foi possível porque as pessoas não tinham consciência do potencial da sua liberdade, assim as relações se desviaram de um curso, segundo ele, natural. Para Foucault, a falsa ideia de poder sempre expressava um distanciamento entre as pessoas. Nas relações humanas, o mais inteligente era a obediência e não o questionamento sobre sua situação existencial dentro do contexto, conseqüentemente, ter em conta a real condição da liberdade, pois a liberdade de um dos indivíduos estava ligada ao conceito de autoridade do outro.

A partir disso, podemos notar que as relações de poder, segundo o autor, não devem se realizar da mesma forma, do contrário não há diferença entre as duas ideias. Devem ser pautadas pelos critérios de uma consciência madura. Elas terão que se manifestar num clima de responsabilidade social e na dimensão de respeito entre os indivíduos.

Ora, a resposta negativa de Foucault demonstra sua lucidez, pois a consciência do potencial de nossa liberdade não exclui o grau de responsabilidade social que cada um deve ter, pelo contrário, aumenta, pois ele teria uma responsabilidade consigo mesmo, com os que têm um grau de consciência inferior ao seu, com os que estão ao seu nível e com os que se encontram em nível superior. Assim, Foucault procura mostrar que precisamos compreender a importância das relações de poder para a sociedade e buscar aprimorá-las.

Nossa afirmação pode ser constatada na sequência do texto. Foucault responde ao fato de ser livre com aquilo que ele acredita ser o verdadeiro exercício da liberdade, isto é, as relações entre os indivíduos são relações de poder, o problema é que não se desenvolveu uma



consciência deste fato nas relações humanas. Os dois exemplos mostram bem isso. As relações entre as pessoas foram desenvolvidas num estilo piramidal, no qual, normalmente, é cerceado o direito de tomar decisões. Seguindo por tal caminho, podemos dizer que, segundo Foucault, o princípio fundamental da liberdade é a consciente da possibilidade de tomar decisões. Certamente podemos notar neste momento de nossa reflexão uma aproximação entre o pensamento de Foucault e o de Sartre, já que, segundo o existencialista, a liberdade é uma condição para que o ente construa sua essência.

Considerando correta tal interpretação, pode-se afirmar que, para Foucault, os princípios gerais e ideais que deveriam orientar as relações de poder seriam: dependendo do nível de consciência do indivíduo, as relações de poder o incitaria a crescer até ao ponto de saber exercer sua liberdade e, considerando o indivíduo em sua maturidade, as relações se realizariam dentro de uma dimensão em que o indivíduo teria o espaço necessário para exercer sua liberdade e tomar sua própria decisão, em função de seu modelo de vida. Tudo isto sugere que o objetivo das relações de poder não seria jamais de manipular, mas uma troca de exercício de liberdade. Esta proposição implica certamente uma profunda consciência da situação dos dois lados ou de um só, mas a parte consciente deveria saber respeitar o grau de não consciência da outra e ajudá-la a crescer.

Para compreender isto, deve-se considerar de início toda reflexão de Foucault sobre as condições necessárias para desenvolver uma prática ética e moral, a partir de certo modelo de vida, capaz de dinamizar nossa existência<sup>1</sup> (tais reflexões nós as encontramos em seus seminários apresentados no Collège de France).

Considerando a reflexão que Foucault faz no texto, mostrando que a ignorância nas relações de poder seria, talvez, o mais grave problema, vê-se que o autor busca mostrar que essas relações não se desenvolvem

---

<sup>1</sup> Esta reflexão nós encontramos dentro dos últimos escritos de Foucault.



segundo seus verdadeiros objetivos por falta de uma profunda consciência do compromisso social.

Na sequência do texto, a posição de Foucault é mais clara, é uma leitura do nosso cotidiano:

*Parece-me que existe, tão fundamentais como as relações de compreensão ou as relações discursivas, tão fundamentais como as relações econômicas, as relações de poder que tramam absolutamente a nossa existência. Quando se faz amor, se põe em jogo relações de poder; não ter em conta estas relações de poder, as ignorar, as deixar jogadas a um estado selvagem, ou as deixar ao contrário confiscar por um poder estático ou um poder de classe, é isto, eu creio, que é necessário tentar de evitar. Em todo caso, é contra isso que é necessário polemizar. Fazer aparecer às relações de poder, é tentar, dentro da minha concepção, em todo caso, de as entregar em certa medida, entre as mãos destes que as exercem (FOUCAULT, 2001, p. 1667).*

Foucault acreditava que as relações humanas não se realizavam dentro do espírito de experiência de liberdade, pois, na verdade, as relações entre os indivíduos eram determinadas na sua totalidade pelas instituições. Assim, nossas ações são julgadas boas ou más pela resposta que elas dão às instituições, não pelas respostas que damos ao indivíduo que se relaciona conosco.

Para bem entender a posição de Foucault neste texto, tomo como referência a última frase. Foucault acreditava profundamente, e isso nós podemos constatar no conjunto de seus escritos, que existe um exagero nas normas ditadas pelas instituições para controlar as relações entre os indivíduos, não excluindo a necessidade de participação das instituições nesse processo, como comenta em outra passagem, dizendo que um mínimo de normas são necessárias para o funcionamento de uma sociedade, porém ele acredita ser necessário transferir, realmente, uma boa parte da responsabilidade para os indivíduos implicados nas relações cotidianas.

O exemplo apresentado na segunda parte do texto esclarece muito bem sua formulação, mas há outro. Segundo Foucault, o sistema judiciário/penitenciário é fundamentalmente punitivo. É com esta



premissa que trabalharemos nosso exemplo. Ora, quando o judiciário decide encarcerar alguém que cometeu uma infração, acredita-se que a intenção é livrar a sociedade deste indivíduo, não lhe dar uma oportunidade para refletir sobre o seu comportamento. Do outro lado, o infrator não pensa ser possuidor de uma liberdade, capaz de lutar contra todo o sistema carcerário para não se tornar pior. Logo esta relação de "liberdade" é, de certa maneira, selvagem, mostrando que a correção não é dada com o objetivo de formação do indivíduo, e este não a recebe como oportunidade para crescer. Na verdade, pretende-se dizer que a relação de poder, vista por este lado, entre um juiz e um infrator, se encontra na dimensão negativa do poder, e não numa esfera aceitável ou ideal das relações de poder: uma postura que Foucault condenou.

O texto em questão nos aponta uma contribuição importante para compreender o pensamento de Foucault. Se o poder extático, único e soberano não existe, ou melhor, nunca existiu, significa que, de uma maneira ou de outra, tudo que sempre tivemos foram relações de poder. Do ponto de vista de Foucault, uma condição necessária para que se tenham relações de poder é ambas as partes terem consciência da dinâmica do poder, mas como explicar que sempre tivemos relações de poder se entre os indivíduos não se tinha tal consciência? Qual era o nível de tais relações de poder? Foucault respondeu a isso claramente, dizendo que não ter consciência que todas as relações humanas são relações de poder significa exercer tais relações dentro de um estado selvagem. Este estado significa a aceitação de uma verdade sobre o poder que não expressa sua essência, isto é, acreditar em um poder extático.

Creio que a pergunta que cabe neste momento é: o que Foucault entende por relações de poder? A resposta pode ser encontrada na fala do próprio:

Quando fala-se de poder, as pessoas pensam imediatamente a uma estrutura política, um governo, uma classe social dominante, o mestre frente ao escravo, etc. isto não é de nenhum modo aquilo que eu penso quando falo de relações de poder. Eu quero dizer que, nas relações humanas, qualquer que sejam - que trate de



comunicar verbalmente, como fazemo-lo agora, ou que trate-se de relações amorosas, institucionais ou econômicas -, o poder continua presente : eu quero dizer a relação na qual um quer tentar de dirigir a conduta do outro. estas são, por conseguinte, relações que pode-se encontrar em diversos níveis, sob diferentes formas; estas relações de poder são relações móveis, ou seja elas podem alterar-se, elas não são dadas de uma vez para sempre (Foucault, 2001, p. 1538).

Podemos afirmar que Foucault considerou como relação de poder toda relação que compromete o ser humano. Vendo por este ângulo, toda ação do cotidiano, mesmo a menor e a mais banal, constitui uma relação de poder. Por exemplo: quando se orienta alguém na rua para encontrar um endereço ou a direção de uma loja, você induz a pessoa a tomar uma atitude, muitas das vezes, contrária a sua intenção inicial, essa atitude constitui para Foucault uma relação de poder.

Duas ideias são emblemáticas no texto. A primeira corresponde à palavra "*dirigir*". Vemos que Foucault não desconsidera o impulso que o ser humano tem de querer conduzir um ao outro, pois, no processo que nos encontramos, isso é uma consequência natural, também foi desta maneira que fomos educados. Mas, dentro das relações de poder, pressupõe-se que as partes têm noção de duas coisas: primeiro que a liberdade de cada um é um elemento intocável pelo outro, segundo que o poder não deve ser utilizado para a manipulação, mas para o crescimento das pessoas. Assim, quando Foucault fala das relações de poder, ele se refere à experiência que os indivíduos fazem do exercício de sua liberdade, chegando mesmo a dizer que quando não existe tal consciência não existe relação de poder. Eis a razão pela qual creio que, para Foucault, a palavra "*dirigir*" assume um significado particular, pois ela significa que, mesmo os indivíduos vivendo uma situação natural, devem ser orientados pela consciência que implica tais relações.

O que desejo realmente ressaltar é que, na noção antiga de poder, a ideia que prevalecia era de manipulação de um indivíduo sobre o outro. No entanto, na concepção das relações de poder em Foucault, tal princípio



opressor deve ser eliminado. Para isso acontecer, basta os indivíduos tomarem consciência do potencial de sua liberdade.

A segunda ideia significativa é o fato de que “*as relações de poder são relações móveis*”, isto significa que devemos ter uma clara consciência da autonomia de nossa liberdade, pois é tal consciência que impedirá a realização da tentativa de dirigir nossas condutas. Eis aí por que as relações de poder exigem uma consciência do compromisso social, isto é, a necessidade de todo ser humano ter consciência do potencial de sua liberdade, para ser capaz de fazer sua escolha dentro das relações de poder. Veremos dentro dos textos seguintes algumas características destas relações.

A primeira característica se refere à consciência nas relações de poder. Acredito ter muito a ver com a própria experiência de vida de Foucault, ou melhor, com aquilo que ele escreveu e fez. Dizendo de outra forma, não estamos somente diante de uma análise teórica, mas diante de um modelo de existência. Talvez seja justamente isto que Foucault tentou dizer:

Isto à qual eu estou atento, é o fato de que toda relação humana é a um certo grau uma relação de poder. Nós evoluímos num mundo de relações estratégicas perpétuas. Qualquer relação de poder não é má em si mesma, mas isto é um fato que comporta sempre perigos (FOUCAULT, 2001, p. 1193).

É claro que Foucault tinha consciência de que sua existência fazia parte desta realidade. Assim nós podemos pensar que, dentro de seu modelo de existência, encontramos o nível de consciência que ele considerava como madura. Tal nível de consciência deve ter presente que “*toda relação humana*” comporta uma ação de poder. Depois, essas relações são produzidas por estratégias, que podem ser mais ou menos estruturadas, mas, na verdade, isto importa pouco, pois seu objetivo é sempre o mesmo. É preciso ter uma consciência muito clara de que o perigo está aí, mas sem viver uma sorte de paranoia, pois as relações de poder se encontram em todos os níveis das relações humanas.





Aqui podemos entender por que Foucault disse que o conjunto de suas análises sobre o poder se realizou em três níveis: “*as relações estratégicas, as técnicas de governar e os estados de dominação*” (FOUCAULT, 2001, p. 1547).

Ele acreditava ser este o caminho de uma boa análise, partindo da ideia de que o poder se passa pelas relações humanas, por dominação, por constrangimento, por “*relações de comunicação*” (FOUCAULT, 2001, p. 1052) e por “*capacidades objetivas*”, isto é, o domínio das técnicas de finalidades, das coisas, do trabalho e da transformação do real. Aí nós encontramos todo o conjunto das suas análises.

A segunda característica se refere aos níveis de relação de poder. Diante de tudo que foi dito até agora, a impressão que temos é que Foucault identificou o poder com a opressão. Questionado sobre o assunto, respondeu:

Eu não quis absolutamente identificar poder e opressão. Porque? Primeiro porque penso que não há um poder, mas numa sociedade, existe relações de poder extraordinariamente numerosas, múltiplas, em diversos níveis, onde umas apóiam-se sobre as outras, e onde umas contestam as outras. Relações de poder muito diferentes vêm atualizar-se dentro de uma instituição; por exemplo, nas relações sexuais, nós temos relações de poder, e seria simplista dizer que estas relações são a projeção do poder de classe. Mesmo de um ponto de vista estritamente político, (o fato acontece) em certos países do Ocidente, o poder, o poder político é exercido por indivíduos ou classes sociais que não detêm absolutamente o poder econômico. Estas relações de poder são sutis, a diversos níveis, e nós não podemos falar de um poder, mas antes descrever relações de poder (FOUCAULT, 2001, p. 1510).

A ideia que nos interessa no texto é que o poder é um exercício dentro de relações indefinidas, é a partir deste núcleo que nós pegamos a concepção que os níveis das relações de poder não são os mesmos, assim como as estratégias e o perigo, também, são diferentes. Foucault dá o exemplo do Oriente que nos mostra a transformação da ideia do poder.

No regime monárquico antigo, o poder político e o poder econômico eram reunidos. A partir da aparição da classe burguesa, certas



monarquias conservaram o poder político, mas o poder econômico se multiplicou.

Hoje constatamos que, em certos setores, os sindicatos não detêm o poder econômico, mas eles manipularam todo um setor com um poder de mobilização extraordinário. cremos mesmo que, de maneira geral, o conjunto dos sindicatos tem uma influência política igual ou, em certos casos, superior àquela classe que detém o poder econômico, mesmo se admitirmos que as coisas não sejam bem organizadas. Acreditamos que, a partir de uma consciência clara desses níveis de poder, a compreensão deste sujeito é mais fácil e a luta contra as injustiças de certas relações de poder se tornariam mais objetivas.

Na verdade, esta parte do problema (os níveis das relações de poder) em Foucault não é tão bem explicada quanto as demais, pois, considerando as relações entre uma criança e um adulto, a situação é bem difícil de ser desenvolvida, uma vez que a tendência natural do adulto é sempre conduzir a liberdade da criança. O que percebemos nos seus trabalhos é que ele não considera as relações de poder no mesmo nível, não aceita o princípio de dominação e acredita que as relações humanas devem servir para a educação dos indivíduos. Isso implica, também, a formação de uma consciência do potencial da liberdade humana.

Foucault disse, no texto citado, que as relações de poder são "*sutis*". Com esta afirmação, penso que queria chamar nossa atenção para a maneira como acatamos, sem perceber, as ideologias que nos são transmitidas, dentre elas, a ideia de um poder absoluto. Em outra reflexão podemos encontrar um exemplo desta sutileza:

Um jornalista de um grande jornal francês exprimia um dia a sua surpresa: "porque tantas pessoas levantam a pergunta do poder hoje?" É esse um assunto tão importante? E tão independente que se possa falar sem estar a ter em conta os outros problemas? (FOUCAULT, 2001, p. 1043).



Creio que se um cidadão qualquer tivesse dito isso, Foucault não teria dito nada, mas ele frisou um “jornalista” e um “grande jornal”, isso significa alguém de um certo conhecimento e que deveria ter uma visão mais ampla da realidade social. A questão desse jornalista mostra que a temática do poder não só tinha grande importância, mas provavelmente essa era uma questão bem definida, isto significa que, para ele, o poder não era um problema de base e não merecia uma análise teórica de tal porte. A sequência do texto mostra a reação de Foucault:

Esta surpresa estupefou-me. Me é [sic] difícil de crer que foi necessário de esperar o século XX para que essa pergunta enfim seja levantada. Para nós, de qualquer modo, o poder não é somente uma pergunta teórica, mas algo que faz parte da nossa experiência (FOUCAULT, 2001, p. 1043).

De fato, para Foucault, a verdadeira “surpresa” era que uma realidade tão evidente pudesse ficar escondida durante tanto tempo. Essa observação prova que, ao menos sobre a ideia da sutileza das relações de poder, Foucault tinha razão. Ele indicou que nós devemos ainda considerar os dois lados da noção de poder: teoria e prática, isto significa procurar conhecer e tomar consciência de sua presença nos contatos humanos. Nós cremos que esta proposição de Foucault é justificada pela complexidade que ele constatou dentro da noção de poder.

Um último texto pode exprimir a grande diferença entre a noção tradicional de poder e a ideia que Foucault defendeu:

fazendo do poder a instância do não, se é conduzido a uma dupla ‘subjetivação’: do lado onde ele se exerce, o poder é concebido como uma espécie de grande Sujeito absoluto - real, imaginário, ou meramente jurídico, pouco importa. [...] Do lado onde o poder é sofrido, se tende igualmente a o ‘subjetivisar’, determinando o ponto onde se faz a aceitação da proibição, o ponto onde se diz ‘sim’ ou ‘não’ ao poder; e assim, para se dar conta do exercício da soberania se supõe seja a renúncia aos direitos naturais ou do contrato social ou ao amor do mestre (FOUCAULT, 2001, p. 423).

Esta ideia de “subjetivação” mostra claramente como Foucault entendia as coisas. No sistema escravista, o servo não era considerado



humano, ou melhor, era um ser humano de condição inferior, isto significa que o senhor era tido como o grande Sujeito, e o servo, aquele que deveria renunciar a seus direitos naturais. Outro exemplo reporta às sociedades machistas ou patriarcais, nas quais os direitos da mulher são inferiores aos do homem, nelas, o masculino aparece como o grande Sujeito, e o feminino, como aquele que deve renunciar seus direitos naturais. A reflexão de Foucault mostrou que o poder era tido como uma sorte de força particular de certos indivíduos, grupos ou instituições. Na verdade, afirmamos que as ações de poder eram ações especiais e sempre dentro do estilo piramidal, isto é, aquele que manda está em um pedestal, enquanto que os outros se encontram na parte mais baixa do mundo.

Dentro da noção de poder em Foucault, nós vimos também a ideia de um poder como uma força que não possui um lugar fixo e não é propriedade de ninguém, não é uma coisa espacial, é somente um elemento dentro das relações entre os indivíduos. Ter consciência disso é indispensável para saber praticar sua liberdade e respeitar a liberdade dos outros. Essa consciência deve modificar nossa estrutura de relações e nossa luta contra as injustiças que se cometem em nome do poder. "*O poder é em realidade de relações, um feixe mais ou menos organizado, mais ou menos piramidado, mais ou menos coordenado, de relações*" (FOUCAULT, 2001, p. 302).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade atual vive com medo, atormentada, temerosa das possíveis ações que possam sobrevir. Cada indivíduo, de certa forma, vive se escondendo para tentar evitar as possíveis investidas contra sua existência. A relação de dominação é uma característica do sistema social. Impor sua vontade não é direito de todos, mas de um pequeno grupo de indivíduos. Em uma sociedade caracterizada pelo temor, penso que a reflexão de Foucault faz muito sentido. O medo que toma conta dos



indivíduos é consequência da aceitação de um discurso manipulador. Cada indivíduo é convidado a se reconhecer desprovido de poder. Ora, se é por meio do poder que conseguimos conduzir as ações das outras pessoas, se reconhecer sem poder significa não ter nenhuma influência, logo a única coisa que resta é sofrer as influências. O discurso manipulador não tem a intenção de fazer as pessoas reconhecerem que o poder é algo indispensável em nossa existência, isto é, ver o lado positivo do poder. O discurso manipulador tem a intenção de manter o *status quo*, pois é a única maneira que uma determinada parcelada da sociedade tem para continuar vivendo em cima de um barril de pólvora (o barril de pólvora é a massa oprimida) sem que este exploda, isto é, sem que a massa opressora se revolte de fato.

A reflexão de Foucault poder ser constatada com as evidências sociais. A realidade do cotidiano é que as pessoas não reconhecem ter poder e admitem, também, ser muito difícil lutar contra a máquina montada. Contudo, as evidências não significam que a verdade do poder seja esta, mas que a sua história mentirosa conseguiu fincar profundas raízes, isto significa que a massa opressora, diante de um discurso tradicional, não consegue visualizar a verdadeira realidade das relações de poder. Apesar dessas verdades cristalizadas, as lutas travadas em cada época mostram como pouco a pouco a história do poder vem se transformando.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Édition Établie sous la direction de Daniel Defert et François Ewald. Collaboration de Jacques Lagrange, Vol. I et II. Paris. Quarto Gallimard, 2001.

BROSSAT, Alain. «**Michel Foucault, les jeux de la vérité et du pouvoir**». Nancy. Presses Universitaires de Nancy, 1994.



DELEUZE, Gilles. «**Foucault.**» Collection « Critique ». Paris. Les éditions de Minuit, 1986.

FOUCAULT, Michel. «**Il faut défendre la société.**» cours au Collège de France 1976. édition établie, dans le cadre de l'association pour le Centre Michel Foucault, sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Mouro Bertani et Alessandro Fontana. Paris. Gallimard, 1997.

FOUCAULT, Michel. «**Dits et écrits.**» édition établie sous la direction de daniel defert et françois ewald. collaboration de jacques lagrange, ouvrage publié avec le concours du centre national du livre. vol. i, ii, iii et iv. paris. allimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. «**Histoire de la sexualité.**» 1<sup>o</sup> *La volonté de savoir.* Bibliothèque des histoires. Paris. NRF Editions Gallimard, 1976.

FOUCAULT, Michel. «**Histoire de la sexualité.**» 2<sup>o</sup> *L'usage des plaisirs.* Bibliothèque des histoires. Paris. NRF Editions Gallimard, 1984.

FOUCAULT, Michel. «**Histoire de la sexualité.**» 3<sup>o</sup> *Le souci de soi.* Bibliothèque des histoires. Paris. NRF Editions Gallimard, 1984.

FOUCAULT, Michel. «**L'herméneutique du sujet cours au Collège de France.**» 1981 – 1982. édition publiée sur la direction de François Ewald e autres. Paris. Gallimard, 2001.

FOUCAULT, Michel. «**Les anormaux cours au Collège de France.**» 1974 – 1975. édition publiée sur la direction de François Ewald e autres. Paris. Gallimard, 1999.

FOUCAULT, Michel. «**Microfísica do Poder.**» 12<sup>a</sup> edição. Petrópolis –RJ. Vozes, 1995.

FOUCAULT, Michel. «**Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.**» 10<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.